

DISCO

O cantor e compositor Hyldon lança seu novo álbum, *Romances urbanos*, em que apresenta parcerias com artistas como Arnaldo Antunes e Céu e rende tributo aos mestres da soul music

JOÃO AMARILIO JR./DIVULGAÇÃO



Em boa companhia

Experiente, o baiano Hyldon alterna baladas e músicas com muito suingue no repertório do CD, que homenageia Tim Maia e outros artistas

MARIANA PEIXOTO

Hyldon sabe bem escolher com quem anda. Na década de 1970, teve como companheiros Tim Maia e Cassiano, formando a triade sagrada da soul music nacional. Também em outras épocas produziu Erasmo Carlos, Diana, Wanderléa e Odair José – é dele a guitarra na gravação original de *Uma vida só (Pare de tomar a pílula)*. Em seus próprios discos, o cantor, compositor e guitarrista baiano radicado no Rio de Janeiro gravou ao lado de Cristóvão Bastos e Azymuth e fez parceria com Caetano Veloso. *Romances urbanos*, novo trabalho de Hyldon, só vem reforçar essa veia gregária. Agora, o veterano soulman, autor de *Nara, na chuva, na fazenda e As dores do mundo*, está novamente bem acompanhado.

Produzido pelo próprio Hyldon, o álbum é fruto de parce-

rias, já que ele dividiu a autoria de todas as 12 canções com Zeca Baleiro, Arnaldo Antunes, Pedro Luís e Mano Brown. “Depois de morar seis anos e meio isolado em Teresópolis, quando voltei a Rio comecei a pensar em compartilhar. E acho legal trabalhar com diferentes gerações. Apesar de não ser um cara que está exposto na mídia, minha música sempre esteve presente”, continua o artista, hoje com 63 anos.

ABRINDO O LEQUE Arnaldo Antunes é o colaborador mais constante. O encontro rendeu as canções *Tempo, tempinho, tempão* e *O tombo*, essa última com assinatura também da cantora Céu, acordeom de Marcelo Jeneci e guitarra de Kassim. “Quando ia a São Paulo, dizia para o Arnaldo que a gente tinha que brincar de fazer música. Desse núcleo surgiu também *Trato*, que acabou entran-

do no novo disco dele”, conta Hyldon. O encontro de três gerações de cantores e compositores não parou aí: Serjão Loroza gravou recentemente o samba *17 beijos*, também de Hyldon, Arnaldo e Céu.

Com Zeca Baleiro a parceria se deu por meio da internet. Amigos há anos, os dois compuseram *No fim da estrada tem uma cidade*, que abre o álbum. “A gente tem uma regra. Quem dá a palavra final é quem vai gravar a música”, conta Hyldon, coautor de *Calma aí, coração*, que abre *Disco do ano*, álbum mais recente de Baleiro. Nessa troca de figurinhas, Hyldon se tornou parceiro também de Mano Brown da maneira mais inusitada: estava visitando um presídio paulista quando o rapper ficou sabendo que ele estava lá. Foi encontrá-lo, os dois bateram papo acompanhados de violão e acabou surgindo *Foi no baile black*, que Brown também

gravou, com outro tom, em seu próprio disco.

Mesmo com tantos parceiros, Hyldon foi econômico no registro. Chamou alguns instrumentistas e vocais de apoio, dependendo do clima de cada canção, e com forte acento soul o álbum ora recai em baladas, como *Lua nova, O velho e novo amor* e *Revanche* (um dos destaques), ora em músicas com muito suingue, que fazem jus à herança black. Em clima nostálgico, *Foi no baile black* é uma justa homenagem aos veteranos da cena brasileira, contando inclusive com uma introdução que cita referências como Toni Tornado, Cassiano, Carlos Daffé, Banda Black Rio e Gerson King Combo. *Festa do síndico*, com o vocal potente de Loroza, nem precisa dizer, é toda embalada na metaleira que marcou parte da obra de Tim Maia.

MEMÓRIA

Resgatando a obra de Zé Ketí

AILTON MAGIOLI

Carioquice e brasilidade são características marcantes da obra de José Flores de Jesus, o Zé Ketí (1921–1999), que, mesmo presente no coração do povo, segundo o cantor carioca Augusto Martins, anda desprestigiado no cenário da MPB. Para tentar reverter tal quadro, ele convidou o violonista Marcel Powell para acompanhá-lo na gravação de *Violão, voz e Zé Ketí*.

“Zé Ketí não tocava instrumento nenhum, compunha de ouvido. Tal liberdade acabou contribuindo para ele fazer um samba diferente, cujas propostas continuam modernas até hoje”, avalia Augusto que, ainda em início de carreira, teve o privilégio de dividir palco com o sambista em uma boate. “Dai a vontade de resgatar nossa comunicação, historicamente”, completa, ao justificar a escolha da obra do sambista para seu novo CD, depois de também dedicar um ao alagoano Djavan.

GARIMPANDO Com um timbre de voz potente e elegante, Augusto Martins parece ter encontrado no violonista Marcel Powell a companhia ideal para gravar o disco. Afinal, apesar de recorrer ao desgastado formato de voz & violão, ele resultou em algo original diante da força do repertório, da inter-

pretação e do próprio instrumento em si, que Marcel herdou do pai, Baden Powell.

Ao ressaltar a força contemporânea na obra do sambista, conhecido principalmente por obras como *Diz que fui por aí* e *Opinião*, Augusto Martins diz que composições como *Tamborim* (“Cavei muito buraco na avenida/Pra ajudar no progresso do metrô...”, dizem os versos) poderiam estar no repertório do rapper Marcelo D2, tamanha é a atualidade da canção, carregada de protesto político e ironia.

“A opção pelo minimalismo foi exatamente para destacar tais características da obra de Zé Ketí”, continua Augusto Martins, que, para coroar de êxito o projeto, ainda foi buscar o violão percussivo de Marcel Power para acompanhá-lo. Apesar do acesso à filha do sambista, Augusto Martins lembra que não encontrou nada inédito de Zé Ketí para gravar.

O repertório do CD vai de *Diz que fui por aí* a *A voz do morro*, passando por *Tamborim*, *Nega Dinna*, *Opinião*, *A flor do lodo*, *Leviana*, *Madrugada (A noite é minha)*, uma versão instrumental de *Acender as velas*, *Máscara negra* (“Tanto riso, oh quanto alegria/Mais de mil palhaços no salão...”, quem não se lembra da inspirada letra?), *Malvadeza durão*, *Amor passageiro* e *A voz do morro*.

ANA CLARA BARROS/DIVULGAÇÃO



Marcel Powell e Augusto Martins gravaram clássicos do samba

PAIXÃO

“Na verdade, não tive muito contato com a obra de Zé Ketí. Ela passou a existir para mim principalmente a partir deste disco, embora eu a respeitasse como cultura. Acho até que não tinha tocado *Opinião* e *Diz que fui por aí*, que eu sempre conheci como cultura. De qualquer forma, passo a ter mais intimidade com ela a partir de então. Porém, antes de gravar o disco teve uma noite que um amigo meu cantou *Madrugada*. Na época, nem sonhava em conhecer o Augusto Martins. Falei, ‘poxa, que música bonita’. Quando Augusto me trouxe a proposta, quis colocar *Madrugada* no repertório, o que acabou acontecendo. Aí comecei realmente a me apaixonar pela obra menos óbvia do Zé Ketí. Gostei muito também de *Amor passageiro*, que, a exemplo de *Madrugada*, é mais triste. Hoje, posso dizer que sou um apaixonado pela música dele.”

MARCEL POWELL, violonista.



“Zé Ketí fazia um samba diferente, cujas propostas continuam modernas até hoje”

99

■ Augusto Martins, cantor

Um encontro marcado com você na sua casa.

Assine **Encontro** por 1 ano e ganhe mais 3 meses grátis. Ligue, faça sua assinatura e já receba na próxima edição: (31) 3342-5000* ou leitor@revistaencontro.com.br

*De segunda a sexta, das 9h às 18h.

Encontro
A vida é feita de encontros.

BELE NA DOSE
OS FILHOS CIEN
ELES JAZEM O BEM
OS MERINOS DE OURO